



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

**O SECULO**

DE SANTA  
RITA

# O CASTIGO DA MARIA TEREZA

Por LEONOR DE CAMPOS

Desenhos de A. CASTANÉ

— «**E** STÚPIDA! Preguiçosa!...» — gritava a Maria Terêsa, enfurecida, a dar pontapés e sócos na criada.

Esta, muito atrapalhada, esforçava-se por lhe fugir, desculpando-se:

— «Não tive tempo, menina!... Deixe-me! Não me bata!...»

Mas a Maria Terêsa, surda aos pedidos da criada, continuaria a bater-lhe desalmadamente, se, de repente, não aparecesse a mãe:

— «O que é isto, Maria Terêsa?» — interrogou a senhora.

A pequena acalmou-se logo. E, comprometida por ter sido apanhada em flagrante delito, respondeu, a gaguejar:

— «Máizinha!... Eu ti... tinha manda... dado a Maria limpar os meus sa... pa... patos brancos. Disse-lho esta manhã, antes de ir para a esco...cola. Quería leva-los logo á festa da tia Júlia. Afinal, ela

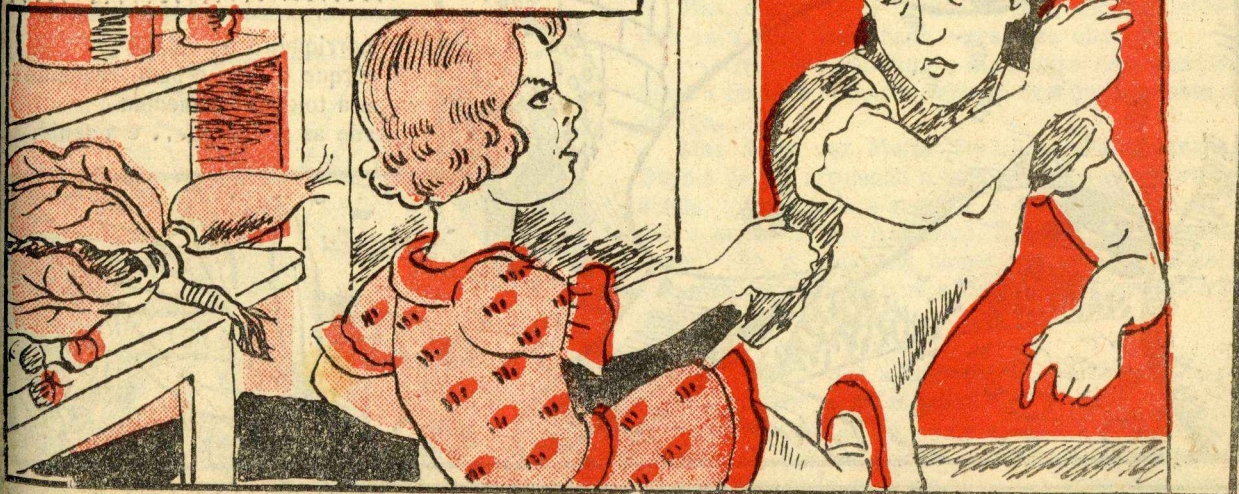
que é uma gran... grande preguiçosa, não esteve para maçadas e não mos limpou!...»

— «Muito bem!... E tu, para te vingares, não encontraste nada melhor que desatares aos pontapés à rapariga!... Pois, minha rica, desta vez o castigo vai ser exemplar. Nas outras ocasiões em que lhe bateste, ralhei-te. Não te emendaste. Agora, vais aprender á tua própria custa a seres mais indulgente e mais caridosa para com as serviçais.»

E, voltando-se para a criada, acrescentou:

— «Maria, amanhã tem um feriado. Dou-lhe licença para sair logo de manhã cedo e poderá recolher à noite. Tome lá dinheiro para ir com a sua mãe ao cinema!...»

(Continua na página 3)





# COISAS QUE ACONTECEM

Por LAURA CHAVES

Desenhos de A. CASTANÉ

Na horta do Zé Tremoço,  
mesmo à beirinha do poço  
vivia na sua toca  
uma minhoca  
tão gorda, tão anafada  
que no sítio era falada  
sua grande formosura.  
Tinha a pele muito escura  
e cheia de manchas pretas  
Era a musa dos poetas!

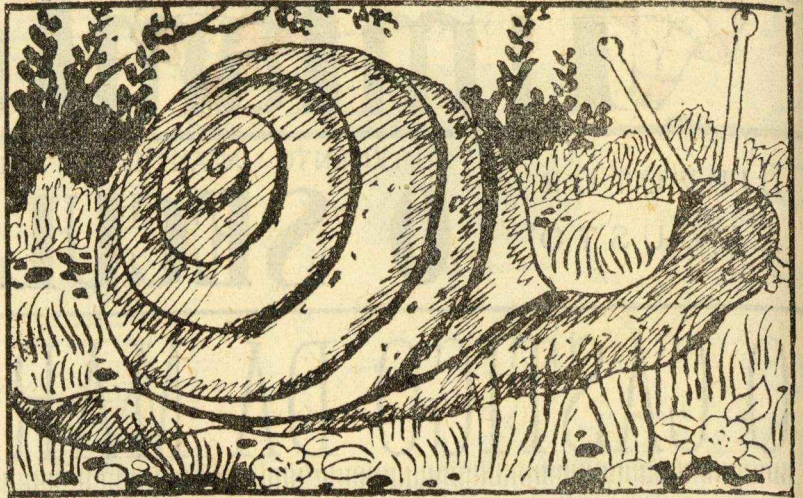
O caracol do feijão,  
de límpida inspiração,  
já lhe tinha feito, um dia,  
uma mimosa poesia  
em que ela era comparada  
à couve troncha, grelada!

Mas seu coração *minhóco*  
queria mais, achou pouco.

O mosquitinho Asa-Torta,  
o épico lá da horta,  
num rasgo de inspiração,  
de ternura e de emoção,  
chamou à minhoca amada  
«pocinha de água parada».

Mas seu coração *minhóco*  
queria mais, achou pouco.

O escaravelho, êsse artista,  
o poeta modernista,  
numa poesia sem rima,  
mas verdadeira obra-prima,  
disse ela ser mais louça  
que a sua própria maçã.



Mas seu coração *minhóco*  
queria mais, achou pouco.

Tanto os vates versejaram,  
tantas coisas lhe chamaram  
que a minhoca dêsse modo  
ficou soberba de todo.  
Enquanto no céu havia

um *pico* de luz do dia,  
andava a nossa minhoca,  
aquela cabeça louca,  
a passear, radiante,  
para trás, para diante.....  
E sempre á sua passagem,  
em constante vassalagem,  
murmurava a bicharia  
ao ver tal galanteria:  
— A Lua a ti comparada  
não vale dez réis de nada!

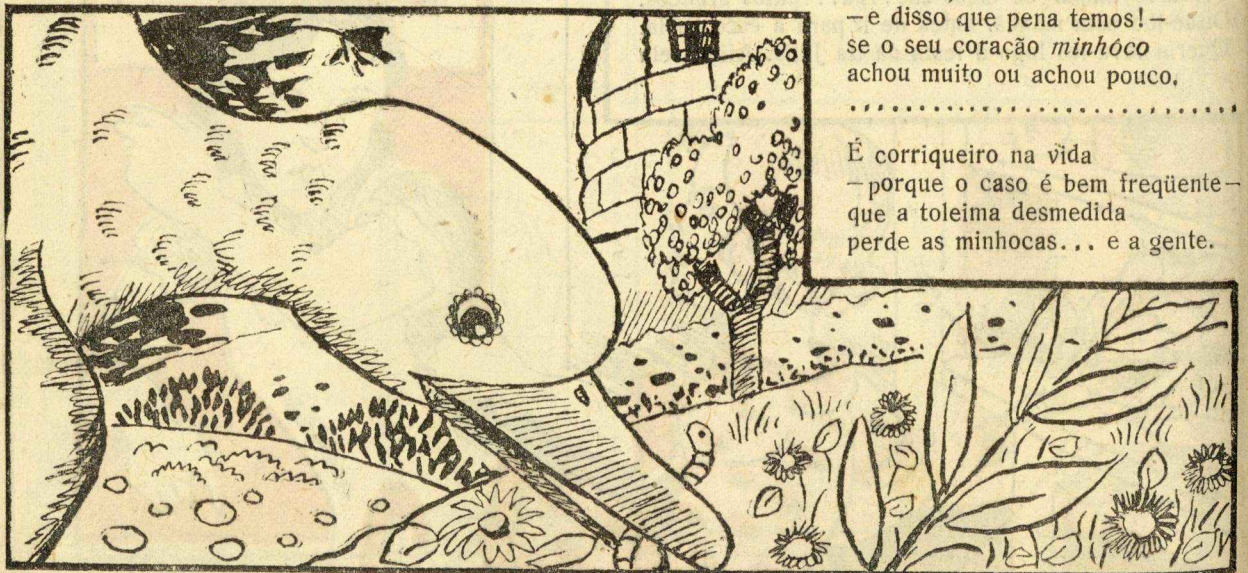
Mas seu coração *minhóco*  
queria mais, achou pouco.

Té que uma vez, num passeio,  
avançou em bamboleio  
um certo pato marreco,  
muito gordo e patareco,  
que ao ver tão bela minhoca  
sòzinha e fora da toca,  
cheio de grande alvoroço  
avançou muito o pescoço.....

Quando a minhoca julgava  
que o pato se preparava  
para também lhe chamar  
estrêla, sol ou luar,  
— creiam que é certo o que eu digo—  
o pato chamou-lhe... *um figo!*

Ainda hoje não sabemos  
— e disso que pena temos! —  
se o seu coração *minhóco*  
achou muito ou achou pouco.

É corriqueiro na vida  
— porque o caso é bem freqüente—  
que a toleima desmedida  
perde as minhocas... e a gente.







O Castigo da Maria Tereza — (Continuação da página 1)

A criada ficou satisfeitiíssima. Afastou-se com os olhos brilhantes de alegria, enquanto a Maria Terêsa olhava a mãe, estupefacta.

A senhora deixou sair a criada e disse à filha: — «Agora vamos nós conversar. Amanhã é 5.<sup>a</sup> feira. Não tens, portanto, escola. De maneira que ficarás tu a substituir a Maria. Já tens 12 anos; és forte e robusta. Podes bem fazer o serviço dela...

E, sem mesmo olhar para a filha, que, vermelha como um pimento, se conservava de cabeça baixa, saiu, encaminhando-se para o seu quarto.

Maria Terêsa, ao ficar só, respirou fundo. E depois de reflectir um pouco nas ameaças da mãe, exclamou baixinho:

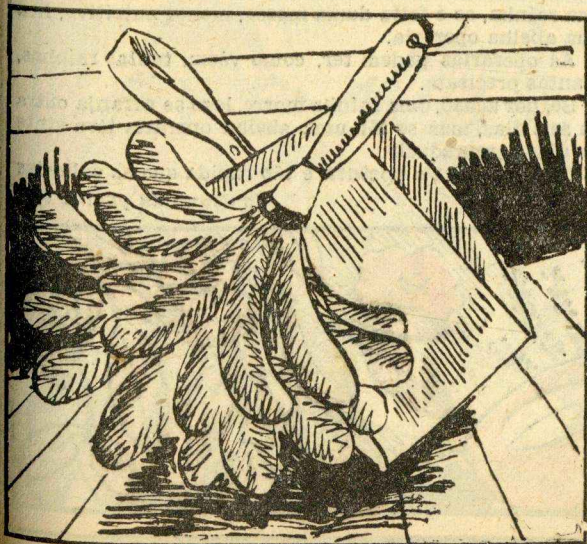
— «Ora!... A mãzinha disse-me aquilo para me meter medo. Eu não sou criada, para fazer o serviço da Maria.

Oh!... É melhor não pensar mais no assunto. O que eu tenho a fazer é vestir-me já, para ir à festa da Tia Júlia.»

Vestiu-se rapidamente e foi ter com a mãe que já a esperava.

Toda a tarde saltou e brincou com os primos e as amiguinhas.

E não voltou a falar-se no temível castigo com que fôra ameaçada.



A' noite deitou-se na sua caminha fôfa e não tardou a adormecer.

Na manhã seguinte, muito cedo ainda, acordou sobressaltada, ao ouvir junto de si a voz da Gertrudes cozinheira:

— «Menina, levante-se. São horas de arranjar o pequeno almoço para seus paizinhos!...»

Maria Terêsa, estremunhada, não compreendeu logo o que a Gertrudes queria. E gritou aborrecida:

— «Deixa-me!... Não estou para te aturar!...»

Preparava-se para de novo adormecer, quando à porta do quarto, surge a mãe, de sobrôlho carregado:

— «Tu não ouviste o que a Gertrudes te disse? Trata de obedecer imediatamente. Quando não... faço-te o que uma certa menina do meu conhecimento costuma fazer a quem lhe não obedece...»

Maria Terêsa levantou-se logo. Dirigiu-se à cozinha, arranjou o pequeno almoço para os pais e levou-lho.

Em seguida, a mãe ordenou:

— «Agora vai arranjar o teu almoço, toma-o e depois arruma o teu quarto, a sala e o escritório...»

Maria Terêsa ainda resmungou:

— «Não tenho vontade de comer!...»

Mas, diante do ar severo da mãe, não teve coragem para dizer mais nada e resolveu obedecer.

— «Ora! Isto não dura o dia inteiro, com certeza. Logo à tarde a Mãzinha tem dó de mim e levanta o castigo...»

Mas desta vez Maria Terêsa estava enganada. Depois de ter arrumado o seu quarto, o escritório e a sala, foi obrigada a arrumar o quarto dos pais e a pôr a mesa. Serviu o almoço. E, para o castigo ser maior, não a deixaram comer na sala de jantar. Almoçou na cozinha com a Gertrudes. Terminado o almoço a mãe chamou-a.

Maria Terêsa pensou:

— «É agora que a mãzinha vai perdoar-me...»

Afinal teve uma desilusão.

A mãe disse-lhe:

— «Vai lavar os copos e chávenas do almoço e em seguida pede à Gertrudes que acenda o ferro para tu passares alguma coisa...»

(Continua na pagina 2)



# AINDA AS ABELHAS

Por ANÃO SABICHÃO  
Desenhos de A. CASTAÑE

**J**A vos tinha prometido, meus queridos meninos, assim que se me oferecesse ocasião, voltar a contar-vos coisas interessantes sobre a vida das abelhas.

É difícil, isso é, porque aqueles insectozinhos detestam que se meta o nariz nos seus cortiços! Lembram-se bem do vexame que este anão sofreu, quando, transformado em abelhinha, foi desmascarado por uma delas e posto a andar!

Pois, a-pesar disso, não desisti! Daí a algum tempo, ao avistar uma senhora abelha, tais artes empreguei, dizendo-lhe que os leitorzinhos do «Pim-Pam-Pum» estavam sobre picos, por saber a vida de sua majestade a rainha das abelhas que vai ela, muito em confiança, lá me foi desvendando o que se segue:

— A rainha — disse-me ela — é o principal personagem do cortiço, a mãe da sociedade. Dela depende a postura dos ovos, que, em certas ocasiões, chega a 3.000 por dia!

Põe-os sobre os alvéolos, dos dois lados do favo da cera.

Todas nós, abelhinhas da colmeia, somos como suas filhas.

A rainha é uma abelha, como outra qualquer mas que foi alimentada de maneira diferente.

Quando, certo dia, sai do cortiço, fazendo um zumbido forte, é para casar com um senhor zangão.

Depois volta ao cortiço, donde a outra rainha saíu, acompanhada dum enxame de abelhinhas.

Daí a alguns dias, a nova rainha põe o seu primeiro ovo e, durante toda a sua vida, que tem a duração de cinco ou seis anos, nunca mais pára de pôr ovos.

Só torna a sair, se se formar um enxame.

Ali fica prisioneira, cuidada por todas nós.

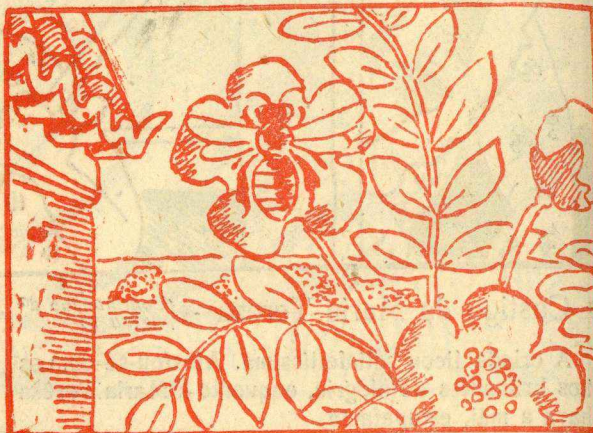
Mas, se a sua postora for pouca, então, as abelhas operárias preparam uma outra rainha que a vem substituir.

É a própria condenada que põe o ovo da sua substituta num alvéolo maior.

E a antiga mãe, que rodeávamos de tantos cuidados ainda na véspera, é sacrificada, sem piedade.

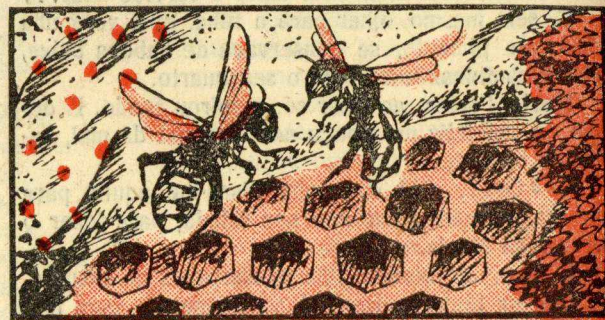
A rainha não tem nenhuma autoridade na colmeia, mas tem o privilégio de viver muito mais tempo que todas as outras.

Nós as abelhas operárias não vivemos mais de que dois meses no verão e quatro no inverno, enquanto a rainha, como já disse, vive quatro, cinco anos, ou mesmo seis.



Sua Majestade não admite na colmeia uma outra rainha, por esse motivo, durante os primeiros tempos, a sua única preocupação é suprimir as futuras rivais.

Precipita-se sobre os alvéolos reais que lhe ficam vizinhos e enterra o ferrão na nova mãe que ali está.



Se essa abelha foge diante do ataque, há uma luta tão grande entre as duas, que uma delas cai morta e a outra fica, então, senhora absoluta no cortiço.

A rainha põe duas espécies de ovos, uns donde saíem as rainhas e as operárias e os outros que são os dos zangãos.

Para se conseguirem os ovos duma operária ou duma rainha, basta dar a uma abelha alimentação diferente.

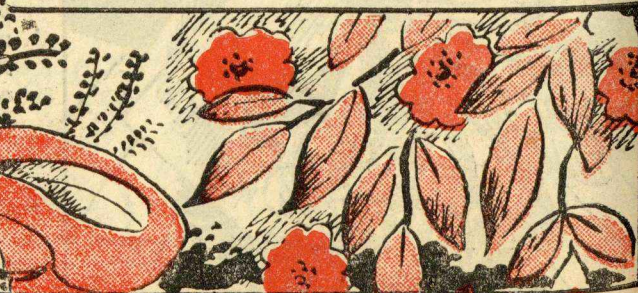
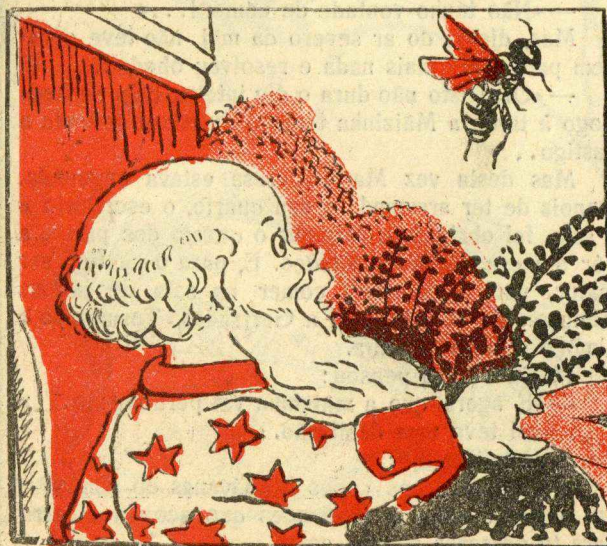
Se a larva é duma mistura de nectar e saliva, sai uma rainha, se é feita duma massa, menos nutritiva, fica uma abelha operária.

As operárias podem ter, como vêem, tantas rainhas, quantas precisam.

Se, por acaso, uma rainha morre, logo se arranja outra em seis dias, mas se for uma abelha operária leva vinte um dias a reproduzir.

Na primavera a postura é tão rápida que as colmeias

(Continua na página 6)





# AS TRÊS FLORINHAS

Por JOSE TEIXEIRA JUNIOR

**L**OGO de manhã, as três amiguinhas, Fernanda, Dulce e Antonieta iam à sua vida. Encontravam-se no pequeno e pobre bairro onde moravam, metiam-se nas avenidas, e procuravam a Baixa.

Quem as visse sempre juntas, com pequena diferença de idades e vestindo quasi igualmente, havia de as julgar irmãs, tão íntimas, tão amigas e tão iguais andavam sempre. E, todavia, nenhum parentesco existia entre si.

O acaso as juntara um dia, nem se sabe como, êle as mantinha unidas, as guiava na vida pelo mesmo trilho.

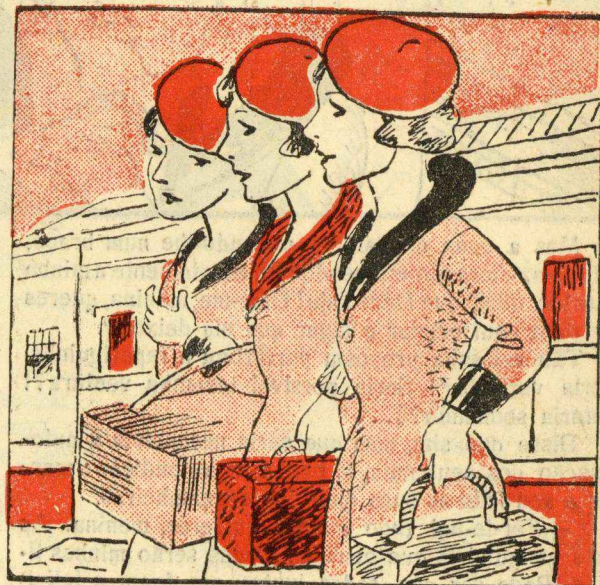
Duas delas eram vendedeiras ambulantes de *bijouterias*, que percorriam a cidade de lés a lés, para fazerem o seu pequeno negócio. A outra era aprendiz de costureira e andava quasi sempre na rua com uma caixa de encomendas no braço.

Não podiam ser mais humildes. Mas, contudo, felizes.

E eram-no, porque estavam na idade dos sonhos côr-de rosa, que todos vivem quando entram na mocidade, principalmente as meninas, e eram-no, sobretudo, porque seus afazeres lhes permitiam viver em contacto com a rua, que tôdas amavam com paixão.

Os pregões, o ruído dos electricos, o buzinar dos automóveis, os apitos estridentes dos comboios ou os silvos vitoriosos dos paquetes, tinham, para elas, encantos estranhos, que sentiam com alvôço, sem, todavia, os saberem explicar.

Suas cabecitas sonhadoras, suas almas ansiosas, seus corações sensíveis encontravam, aí, a sua alegria, e haviam de encontrar também — porque uma voz íntima lho dizia — a realização dos seus sonhos, a sua felicidade.



vária e cheia de sonhos, havia uma só coisa sempre certa e que lhes dava estranha felicidade.

Era a visita que todas, juntas, faziam à hora do lanche, aos pombos do Rossio.

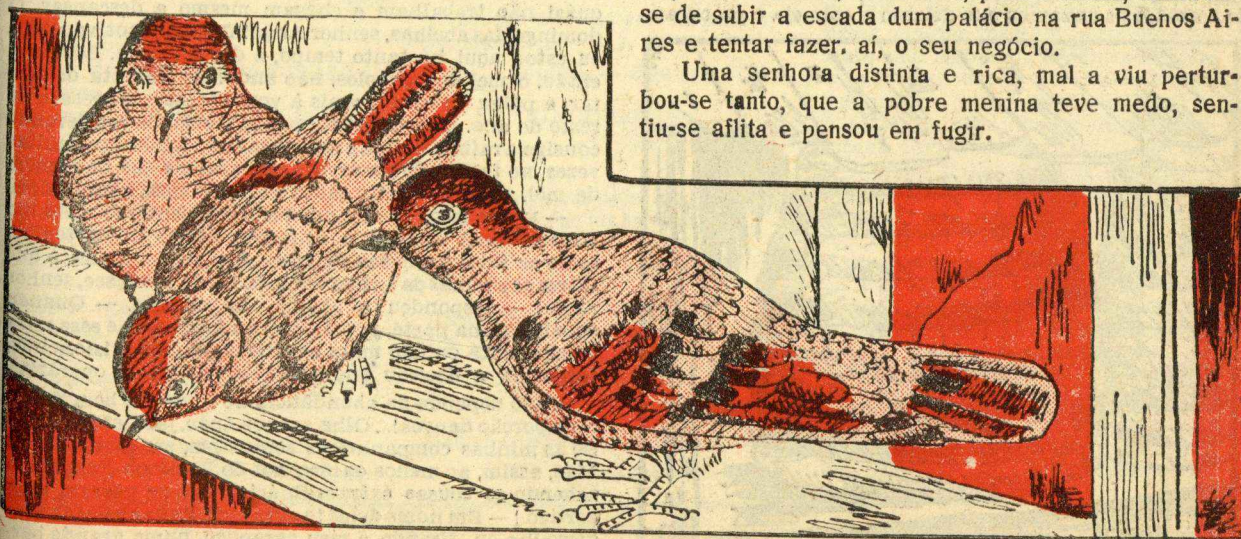
Como eram simples e boas!

Um dia uma, outro dia outra, levavam um pequeno cartucho com milho para as simpáticas e amorosas aves que ali vivem, como elas, livres e aladas.

E que lindo era!

As pombas já as conheciam, deixando apanhar-se, beijar por elas. E elas enterneciam-se com essa pura e bela amizade.

Na vida levada pelas três amiguinhas, assim tão



Uma delas, a formosa Fernanda, que vendia pentes, sabonetes e joias falsas, porém lindas, lembrou-se de subir a escada dum palácio na rua Buenos Aires e tentar fazer, aí, o seu negócio.

Uma senhora distinta e rica, mal a viu perturbou-se tanto, que a pobre menina teve medo, sentiu-se aflita e pensou em fugir.





Mas a dona do palácio, pegando-lhe num braço, reteve-a, chorando e dizendo: És exactamente a minha querida filha, que Deus haja! Dize-me, menina, queres vir para aqui ocupar o lugar que ela deixou?

Tão estranha proposta perturbou a rapariguinha. Seria verdade?! Seria possível tamanha ventura?! Estaria sonhando?!...

Disse que sim, mas que seria necessária a auto-rição dos seus pais. E punha uma condição: manter a seu lado as suas queridas companheiras.

— Far-te-hei tudo quanto quizeres, menina. As tuas amiguinhas que venham. Todas serão minhas filhas. Pode ser que, todas juntas, me deem a felicidade que perdi, só com o amor duma.

Pouco tempo volvido, as três pequenas vendedeiras deixaram de aparecer no bairro e de percorrer as ruas. Eram, agora, as felizes habitantes do suntuoso palácio de Buenos Aires, a quem algumas professoras procuravam transformar, pela educação, em senhoras da sociedade, prendadas e distintas.

E, para matar saudades, iam, de vez em quando, na companhia da sua mãe adotiva, vêr, acarinhar as pombinhas do Rossio.

O CASTIGO da MARIA TEREZA — (Conti. da pág 3)

— «Mas... mãzinha, eu...» — «Cale-se!... A menina obedece e não reponta!... Saltaram as lágrimas dos olhos de Maria Terêsa. Mas não teve coragem para dizer mais nada. Todaa tarde passou a ferro. Um pouco antes da hora de jantar, a mãe ordenou: — «Vai limpar os talheres e pôr a mēsa.» A pequena obedeceu.

E só no fim do jantar, a mãe a chamou e lhe disse:

— «Anda cá, minha filha. Para castigo, parece-me suficiente. De hoje em diante julgo que não tornarás a encolerisar-te e a bater em qualquer serviçal que não cumpra, imediatamente, as tuas ordens.

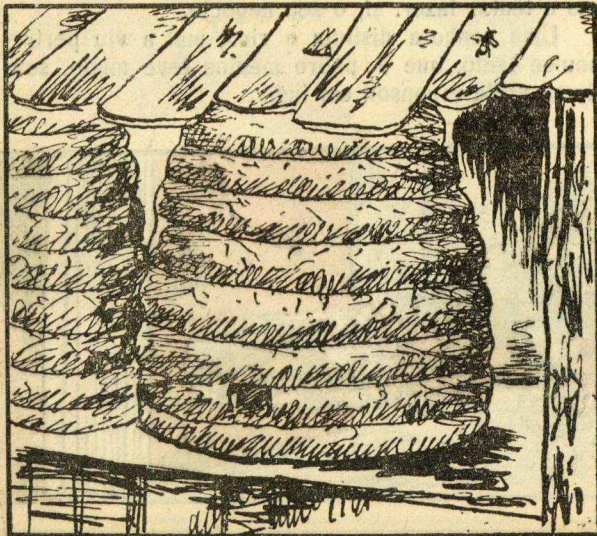
Nos criados não se bate. E nem mesmo consinto que lhes ralhes. Quando tiveres alguma coisa a censurar-lhes, vens ter comigo e eu saberei metê-los na ordem...»

— «Esteja descansada, mãzinha. Não tornarei a a ser má... Nada!... Não que tenho umas dores tão grandes nas pernas, que nem as sinto!... E foi só um dia... Que fará a pobre Maria que é obrigada a trabalhar desta forma todos os dias!... Coitada!... Á noite deve estar tão moída!...

— «Bem respondeu a senhora. — Vejo que aproveitaste a lição. Agora, vai deitar-te. Espero nunca mais ter o desgosto de castigar-te!... Boa noite!...

A I N D A A S A B E L H A S — (Continuação da pagina 4)

têm sempre abelhas a mais. Por isso, nessa ocasião é que se formam os enxames que deixam a colmeia e procuram



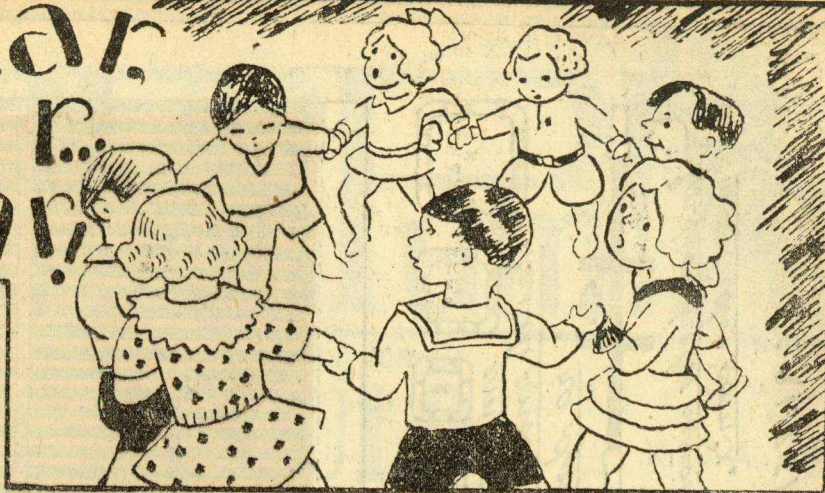
outra. É a época em que as operárias, sempre tão actas, ivá quasi não trabalham e chegam mesmo a descansar. O domingo das abelhas, senhor Anão! Por esse motivo, é que, eu estou aqui, há tanto tempo, a dar à língua. Bebemos, então, o mel dos alvéolos, não andamos em cata do nectar e pólen e vivemos mais à vontade, sem a pressão do resto do ano. Depois, bruscamente, o enxame vóa, levando consigo a rainha antiga e vai pousar na vizinhança, muitas vezes, no tronco duma árvore. As abelhas que se enchem de mel, antes de partir, estão muito mansas, não mordem.

— É por isso, abelhinha, que, facilmente, se mete um enxame num cesto e o deitamos depois numa toalha, como se fôsse um cabaz de fruta. E, dize-me, ainda, o que fazem as abelhas da antiga colmeia? — Já lhe disse, senhor Anão! — respondeu a abelha, impaciente. — Quando aquela rainha parte, já está outra a formar-se e essa nova rainha mata ou não mata as outras rainhas prisioneiras, conforme a decisão que tomarem as abelhas operárias.

Tudo depende da abundância de flores, do bom tempo e da porção de ovos!... Olhe, senhor Anão, já falei demais!... Se as minhas companheiras soubessem, era morte certa! Mas, assim, ao menos os meninos do Pim-Pam-Pum ficam sabendo as cousas extraordinárias que se passam num cortiço! — Em nome deles te agradeço, linda abelhinha! — disse-lhe eu, tirando o meu carapuço, numa grande barretada, enquanto ela já voava apressada.



# Cantar, Saltar, brincar!



POR FILOMENA  
MARIA BRANCO

Sou ainda pequenina,  
gosto muito de brincar,  
por tão pouco, já se vê,  
nunca me devem ralhar!

*Estrilho*

Vamos fazer roda,  
cantar e bailar;  
Vamos pr'ó recreio,  
saltar e brincar!

Sou traquinas muitas vezes  
mas não é p'radmirar,  
os meus anos são desculpa,  
não me devem castigar!

*Estrilho*

Vamos fazer roda,  
etc., etc.

Sou louquinha, ai isso sou,  
mas não posso sossegar,  
não há coisa que mais goste,  
que correr, brincar, saltar!

*Estrilho*

Vamos fazer roda,  
etc., etc.

Quando fôr mais crescadinha,  
eu terei de me emendar;  
ai... se eu não sentir, ainda,  
mais desejos de brincar!...

*Estrilho*

Vamos fazer roda,  
etc., etc.



## CONCURSOS CHARADÍSTICOS

### N.º 5 — 1.º CONCURSO

*Nota:* — Tôda a correspondência referente a esta secção deve ser endereçada a *Américo Taborde (Rei do Sébo)* — Pim-Pam-Pum — Rua do Século, 43 — Lisboa.

LOGOGRIFO

- 1) O poeta florentino — 8-1-12-6-9
- O formidável «gigante». — 13-16-17-11-12
- Foi, na inspiração, divino. — 9-5-13-15-7
- E, na forma, cintilante — 15-1-8-16-7-10-7

- Pela mansão infernal,
- Pela via do terror — 9-5-6-15-18-3-14
- Outro vate genial
- O conduziu com amor. — 3-2-16-7-4

«Poeta» por excelência,  
Seus versos lindos, perfeitos,  
Incútem, na inocência,  
Da moral os são preceitos.

Braga — Rucas.

*Nota:* — Embora parecendo, à primeira vista, algo difícil este logogrifo, não o é, visto que, a ajudar-vos, a decifração oculta um nome muito vosso conhecido.

CHARADAS NOVISSIMAS

(Com respeito ao «Quadro de Distinção»)

2) Tenho «coragem» para procurar a sorte. Talvez ela se dedica a favorecer-me... — 1-2  
Lisboa — *Abilio*.

3) Entre nós, d'aqui em diante, os tais acusados em processos criminais ficam livres por não passarem duns pobres trastes velhos. — 1-1-2  
Coimbra — (*Bébé C. C. C.*)

4) «Apenas» mete dó ver um ente querido, mal-visto. — 1-2  
Coimbra — *Zitja (C. C. C.)*

SINCOPADAS  
(A Bata Loora).

5) Os meninos que têm espírito lúcido devem dedicar-se ao estudo. — 3  
*Anjocarjer*,

6) Uma «mulher» é sempre «mulher». — 3  
*Dois Manos*.

7) Daquela briga fez-se uma história. — 3  
Tramagal — *D. Rufa*,

8) Levas uma bofetada se tornas a pisar o rabo ao «animal»! — 3  
Lisboa — *Maria do Ar*.

EXPLICAÇÃO

Todos os concorrentes são avisados de que fica anulada a secção publicada na Quinta-feira 23, p. p.

Esta anulação explica-se pelo facto de todas as charadas que publicámos nessa ocasião fazerem parte dum número que tínhamos organizado para os «Fortes» e que deveria sair conjuntamente com a secção habitual da qual ainda saiu uma produção (a indicada com o número 12). Como não era ainda nosso intento publicar a «Coluna dos Fortes» e em virtude desta ter saído sem indicação alguma, esse número não é tomado em conta.

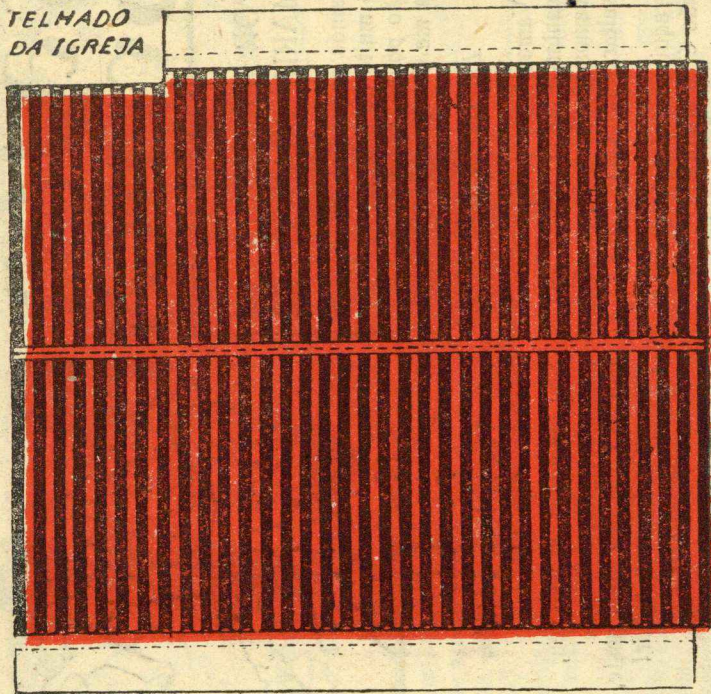
Igualmente chamamos a atenção para o facto de, no número 3 desta secção, todas as palavras onde era necessário o emprego das comas se nos apresentarem sem estas.

São as que se seguem: *jornal, salvacão (1), crustácio (2), batráquio (3), mulher (6) e rio (7)*.

Os algarismos indicam o número das charadas a que se referem.

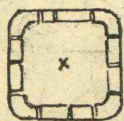
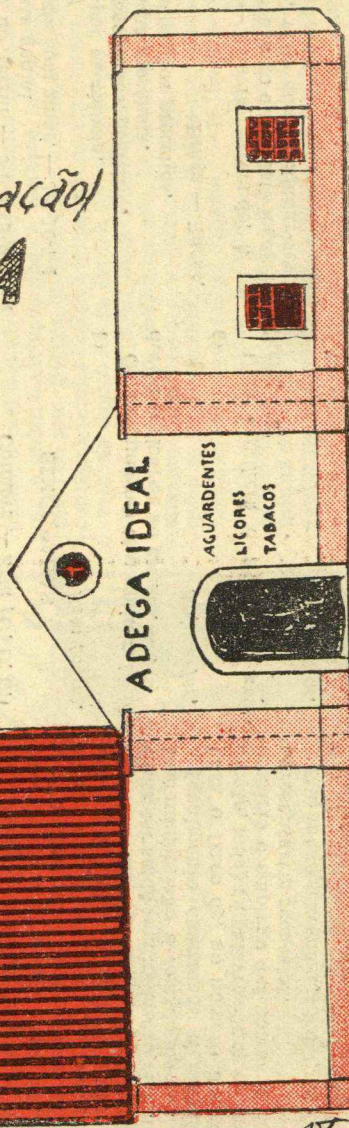
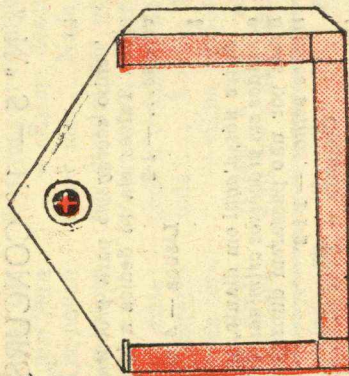


TELHADO  
DA IGREJA

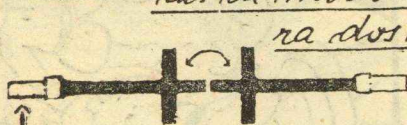


10ª Fôlha:

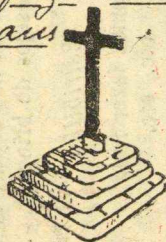
**IGREJA** (continuação)  
**e ADEGA**



Bolar estas três peças em cartão grosso e sobrepor-las de modo a perfazer a altura dos degraus



Enfiar pelos sitios marcados com "X"



CRUZEIRO

MODÉLO

a face em branco em volta a face do outro edifício.

Atalva